

Penso que faz sentido começar por falar das minhas próprias experiências. Assim, aquilo com que me deparei na teologia poderá não ser tão inesperado. "Processsei" estas experiências em dois prefácios, no prefácio 1 como pessoa normal e no prefácio 2 como professor de religião.

**Prefácio 1:** Nos últimos dias do verão de 2022, quando eu estava - como de costume - no "meu pedaço de praia" entre Bias-Lespecier e a "praia de Mimizan" (sudoeste de França) e queria dar um pequeno passeio na praia (sem "roupa de banho", claro, porque a maravilhosa praia está normalmente deserta), havia uma família com duas raparigas (acho que com cerca de 11 e 7 anos), que também estavam a "brincar" nuas entre os pais (que, no entanto, quase não se viam, porque estavam obviamente a dormir, mas "com os seus fatos de banho habituais") e o mar. Na "ida", não lhes dei importância. Mas no regresso, pensei que podia passar entre as raparigas e a água sem a grande proa, porque as raparigas obviamente conhecem "essa abertura" e, portanto, não têm problemas com ela, e também estavam bastante longe. E assim, quando me aproximei, a mais nova quase me atacou, para depois virar num "caminho bem trilhado" relativamente perto de mim. E a mais velha ficou um pouco afastada e observou, mas também em "plena feminilidade". Suspeito que, para as raparigas, eu era uma delas e que elas se comportaram de acordo com o lema da "justiça infantil" e também concordaram umas com as outras: "Se ele não tem problemas em olhá-las para ele, nós não temos problemas em que ele olhe para nós!"



De alguma forma, claro, esta foi uma experiência agradável para mim (afinal, tenho 80 anos) e falei disso a um amigo, um antigo pastor protestante - e ele disse que é uma pena que as raparigas provavelmente percam esta naturalidade e abertura muito em breve.

Estou agora a tentar conceber e difundir um conceito para que esta

naturalidade e abertura sejam preservadas, até porque tem a ver com ser genuinamente belo como ser humano.

Afinal, as duas jovens tiveram agora duas experiências (quero dizer muito positivas): quando vêem um homem nu, não ficam cegas ou qualquer outra

coisa má lhes acontece, e quando um homem nu as vê nu, ele próprio não as morde nem lhes faz qualquer outra coisa má. Eles sabem agora que todo o receio que existe sobre a nudez é, em grande parte, um disparate. É claro que, para que os jovens desenvolvam uma atitude realmente positiva em relação à vida, eles ainda precisam de uma pedagogia correspondente. E essa é a minha preocupação, ver as últimas páginas deste texto. No entanto, penso que não sou pedófilo e que as raparigas não são gerófilas (ou seja, querem amar "pessoas idosas"), mas que são simplesmente curiosas - saudáveis e naturais e, a partir daí, de um impulso natural, querem ultrapassar a hostilidade culturalmente condicionada ao corpo (tal como eu) e não querem "mais" de todo.

E se bem me lembro: quando cheguei à duna e vi as raparigas pela primeira vez, elas estavam a correr de um lado para o outro, quando me aproximei delas, elas também ainda corriam - e quando voltei da minha caminhada na praia, talvez uma hora mais tarde, elas ainda estavam a correr. Parece que a superação da hostilidade corporal estimulou a sua vontade de se moverem ou mesmo a sua vitalidade de forma extraordinária. Assim, ultrapassar a vergonha não se trata apenas de uma alegria em renunciar ao instinto, mas de uma intensificação do ser humano por excelência.

O que vivi aqui é certamente também um problema filosófico do conhecimento mundial em geral: se eu me tivesse comportado como habitualmente "com calções de banho", as raparigas teriam visto isso à distância - e ter-me-iam comportado da mesma forma e também "encoberto". E quando me aproximei, teria tido a impressão de que elas são "assim", mesmo numa praia solitária, porque esta "vergonha típica" faz parte da nossa humanidade. A realidade é, no entanto, que eu só teria visto neles aquilo que eu próprio sou - não teria visto a realidade objectiva. E assim eu não teria visto as hipóteses de uma pedagogia moral mais realista e finalmente a pedagogia de um conceito de fé de acordo com o verdadeiro Jesus (que é o que me interessa).

E depois de várias conversas, especialmente com amigos, sobre este "encontro", tenho de corrigir algo. Alguns dos amigos disseram imediatamente que as raparigas também queriam "tocar" e ser "tocadas", porque, como sabemos, se se quer nudez, "certamente quererá mais". Tenho de discordar fortemente aqui! Obviamente, há aqui um grande e fatal mal-entendido: as raparigas simplesmente não queriam ter vergonha da sua feminilidade e têm de a esconder, queriam ter orgulho da sua feminilidade por uma vez, queriam apenas "ver e mostrar", queriam ser humanas - e nada mais! E com uma pedagogia moral sensata, permaneceria assim - e durante muito tempo, quero dizer até ao casamento! M.P.

Também pode encontrar o folheto (48 p.) na Internet em [www.michael-preuschoff.de](http://www.michael-preuschoff.de) ou <https://basisreli.lima-city.de/krum-lin-port.pdf>. Aug. 2023

**Prefácio 2:** Apãós uma lição, um aluno veio ter comigo e disse-me melancolicamente que eu estava muito certo na minha atitude de que o sexo pertencia ao casamento e que o orgasmo era tão importante. Infelizmente, ela tinha-o feito de forma diferente, porque não tinha sabido melhor, e estaria muito zangada com isso, tinha sido apenas o errado. Entrelaçei os dedos indicador e médio das minhas duas mãos, olhei brevemente para eles e perguntei se "isso" não o teria feito também. Ela respondeu: "Claro que sim, mas ninguém diz isso...". Por isso agora digo-o para os outros que o querem fazer melhor desde o início - e tão claramente quanto possível!

Antes de mais, gostaria de salientar que cheguei a algumas das abordagens por acaso ou através de uma certa casualidade da minha parte, estou a pensar aqui na conversa com a mãe na página 21 - ou também na conversa com a aluna de que acabei de vos falar. Na escola, não me atrevi realmente a fazer tais recomendações abertamente entrelaçando os dedos, e não pensei que fosse necessário. Mas depois do meu tempo activo como professora, surgiram conversas com raparigas ou mesmo mulheres jovens sobre como o poderiam fazer correctamente, onde o fiz com os meus dedos. Tive uma primeira conversa neste sentido há alguns anos com um estudante que vi sentado num banco de jardim perto da universidade durante uma viagem a Marrocos com um colega óbvio em Fez. De alguma forma estava ansioso por me aproximar dos dois, dizendo que tinha sido professor de religião católica na Alemanha e que os meus alunos mais interessados tinham sido raparigas marroquinas (elas eram realmente), e se eu poderia falar com ela sobre o que interessava a estes alunos. Claro, a que tinha o hijab queria saber!

Assim, de acordo com o lema de que não nos conhecemos e que nunca mais nos voltaríamos a ver, contei-lhe livremente a minha ideia de que este Jesus não tinha nada a ver com religião, mas que ele tinha reparado como as mulheres eram chantageadas para a prostituição com o procedimento de duas testemunhas e como ele queria mudar isso espalhando publicamente a palavra - e como foi depois morto por isso através de homicídio judicial. Finalmente, os seus opositores fizeram dela uma religião, a fim de encobrir o verdadeiro compromisso de Jesus. E hoje, também, não haveria interesse na verdadeira moralidade das raparigas jovens, só que seria diferente hoje do que naquela altura. Assim, só lhes seria contada uma pseudo-moralidade de vergonha, mas a partir daí, na melhor das hipóteses, formar-se-iam medos sem sentido, por exemplo, nunca tinha experimentado que as raparigas comesçassem a fazer sexo porque se divertiam com nudez numa bela praia (onde tal coisa é comum). Com a consciência certa, mesmo a nudez não é problema - e acima de tudo, elas podem até descobrir qual o homem certo para elas com contacto com a pele e sem penetração! Para a experiência do orgasmo, que é o que importa, só são necessários toques ligeiros - se for o parceiro certo, não há necessidade de penetração. Mas, disse eu, todos têm de saber e querer... E ainda consigo ver como os seus olhos ficaram cada

vez mais brilhantes - sim, era obviamente com isso que ela sonhava, de alguma forma eu tinha atingido algo na sua alma... E uma mulher muçulmana com um hijab, ou seja, com esta cobertura de cabeça que só deixa o rosto exposto! Se isso não é nada!

Tive uma experiência semelhante com uma jovem empregada de mesa numa pequena pousada em Bali, com quem conversei quando ela me trouxe o pequeno-almoço - e também com uns olhos tão brilhantes!

Finalmente, fiquei particularmente impressionado com a conversa que tive com uma licenciada do liceu da Alemanha do Norte numa digressão mundial, com quem me encontrei enquanto visitava as catacumbas com os ossos dos monges franciscanos que morreram há muito tempo sob a igreja franciscana em Lima (Peru). Quando lhe contei - há muito que tínhamos regressado ao ar fresco - sobre o teste do orgasmo e entrelaçado os meus dedos, apercebi-me de que isto ia contra a sua moral, pela qual ela obviamente queria viver. Então eu disse: "Sim, quem proíbe tudo só consegue que tudo seja feito no fim...". E numa fracção de segundo, por assim dizer, o seu rosto iluminou-se e os seus olhos começaram a brilhar e eu tinha obviamente "conquistado-a" - ela apareceu imediatamente numa digressão pela cidade, para a qual a convidei, porque podíamos falar igualmente bem e ver algo de Lima ao mesmo tempo.

Claro que pensei sobre a razão pela qual estas três raparigas (para mim eram raparigas que obviamente ainda estavam sem "experiência masculina") pareciam obviamente tão eufóricas pelas minhas ideias. Lembro-me de outra aluna que uma vez veio ter comigo depois de uma aula e me falou da sua próxima visita ao ginecologista. No início não compreendi o que ela queria, mas quando lhe perguntei, descobri que ela só queria "acabar com isso" e agora tinha encontrado alguém "para isso" e queria fazer tudo bem - como sei hoje. Mas, nessa altura, faltava-me simplesmente a imaginação de que essa poderia ser a razão para começar a ter sexo. Em todo o caso, a minha impressão - em retrospectiva - é que a rapariga estava realmente em apuros, pelo menos ela não me causou nenhuma impressão feliz. E agora apercebo-me que as três raparigas pareciam tão eufóricas porque estavam também em tal ou semelhante aflição, da qual eu as tinha agora libertado como que de um fardo através da ideia de uma alternativa. É claro que não sei se tive aqui qualquer efeito fundamental.

Pelo menos, provavelmente atingi um conceito de alta moral que também deveria repercutir-se nos jovens do nosso tempo, e que também posso generalizar, especialmente porque as raparigas vieram de culturas diferentes. Portanto, quando se trata de moralidade sexual, não se pode ser sempre apenas contra algo, tem de se ser a favor de algo em primeiro lugar, e para isso é preciso dar aos jovens, e especialmente às raparigas, dicas sobre como podem viver uma moralidade elevada com alegria e inteligência desde o início! Foi isso que tentei fazer agora, começando na página 8 (na versão detalhada).